

A CRISE DO EURO

por Mário Soares

The Economist de 4 de Dezembro passado trazia uma sugestiva capa em que aparece um homem (seguramente um burocrata de Bruxelas) com uma moeda de 1 euro, em vez de cabeça, e uma pistola apontada, pronta a disparar, com a legenda: "Don't do it". E o subtítulo "What breaking up the euro would mean" (o que é que a destruição do euro significaria). Eis como os britânicos, que maioritariamente sempre foram contra o projecto europeu, vêem com algum humor, mas realismo, a crise do euro, que pode vir a transformar-se numa crise geral da própria União...

Estive na mesma semana em Paris e em Bordéus, tendo a oportunidade de conversar - e principalmente ouvir - com vários políticos e universitários, todos acentuando a crise do euro e o perigo em que incorre a União de poder vir a desagregar-se. Uma ideia que há uns meses não fazia qualquer sentido. Mas agora faz. E preocupa muito as pessoas conscientes.

A esmagadora maioria das lideranças europeias pertencem, neste momento de crise, à Direita ultra-conservadora (23 em 27 Estados-membros), pouco tendo a ver, no plano político-ideológico, com as velhas Democracias Cristãs do Centro que, com os Socialistas, contribuíram, nos últimos cinquenta anos, para consolidar o projecto europeu. Pelo contrário, as lideranças actuais parecem não sentir a importância da Europa como projecto político de paz, de democracia pluralista, de bem-estar para os europeus e, sobretudo, de unidade e solidariedade entre os Estados-membros, com um contrato social que constitui uma das principais identidades europeias. E, por outro lado, parecem pensar, de novo, em termos de um certo nacionalismo serôdio - cada um por si e os outros que se arranjem - que, no século passado, não o esqueçamos, conduziu a Europa a duas hecatombes mundiais.

Não compreendem - ou não querem compreender - porque sendo, como são, neo-liberais, para as quais, os valores que mais contam são o dinheiro e o lucro pelo lucro - ignoram as pessoas, os princípios éticos e as causas que nos conduziram à crise global em que nos encontramos. Assim, a União Europeia, entendendo-se mal entre si, está paulatinamente a deixar de ser uma referência política e moral para o Mundo, por mais que a baronesa Catherine Ashton, britânica e trabalhista, esteja a tentar montar um sistema diplomático europeu unitário, sem, contudo, haver uma política externa concertada da União...

É certo que a Chanceler Merkel, com atrasos que criou e depois com os dislates que disse, inicialmente, a propósito da Grécia e, depois, da Irlanda e das crises (diferentes) porque estão a passar, parece ter recuado, ao perceber que a crise não é só financeira, mas também económica e mesmo político-institucional. E, em consequência, ajudou os países a que chama periféricos, como Portugal e Espanha e, a partir daí, também a Itália e a França, tentando evitar a destruição do euro que, note-se, é a segunda moeda de reserva do Mundo. O recuo, embora um tanto ambíguo da Chanceler alemã (que, infelizmente, não se compara a Kohl), ocorreu na semana passada e influenciou, naturalmente, o presidente do Banco Central Europeu, Jean-Claude Trichet, que disse algumas frases sensatas em defesa do euro que parece terem moderado os apetites dos mercados predadores, apostados na destruição do euro...

Esta relativa mudança, parece ter ajudado um tanto a baixar o clima de tensão extrema, que estava a tornar-se intolerável, em Portugal, após a aprovação do Orçamento de Estado para 2011. Para os leitores perceberem bem a situação que afecta o euro - e, portanto, a União Europeia - e, por essa via, Portugal seguramente, a Espanha, e outros Estados que se seguem, como a Itália ou a França, é importante que concluam, que a crise que nos afecta é, essencialmente, europeia e, por isso, também portuguesa. Permito-me sugerir a leitura atenta do suplemento "Negócios" do El País de Domingo. Contém entrevistas e artigos, extremamente sensatos e muito claros, de figuras altamente prestigiadas, como: Romano Prodi, Kenneth Rogoff, professor de Economia e Ciências Públicas de Harvard, Jeffrey Sachs, professor de Economia da Universidade de Columbia, Paul Krugman, prémio Nobel de economia e o banqueiro português, Ricardo Espírito Santo Salgado, entre outros. Este último, dá uma entrevista sobre a situação portuguesa em que faz uma análise extremamente ponderada e lúcida, com o título (que suponho ser do El País) "Alemanha e França não têm ajudado nada à estabilidade do euro". É, infelizmente, verdade. Mas é útil que o tenha dito, para que os economistas portugueses, que todos os dias nos querem convencer das desgraças pátrias, possam reflectir e concluir que o problema que nos afecta é, essencialmente, um produto europeu e não, exclusivamente, português como nos querem fazer crer...

Wikileaks e os serviços secretos

O escândalo da divulgação, por vários jornais internacionais e nacionais, de documentos secretos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que envolvem vários Estados, de diversos Continentes, ocuparam a última semana e não param de ser comentados. Como foi possível a divulgação de um tal escândalo?

Aparentemente, através do jovem soldado Bradley Manning, de 23 anos, que, especialista em matéria informática, conseguiu ter acesso (ilegal) a milhares de documentos do Departamento de Estado americano. Foi por isso preso nos Estados Unidos. Julian Assange, o líder de Wikileaks, que os divulgou (cerca de 250 mil telegramas secretos), tem um mandato de captura sueco, e vive em parte incerta. Considera o soldado Bradley um "herói sem paralelo". E segundo declarou ontem, o arquivo do Cablegate já foi distribuído por mais de cem mil pessoas, naturalmente bem escolhidas.

Segundo Le Monde e The New York Times, as fugas de informação atingem vários dirigentes de Países árabes que advertiram os Estados Unidos para a ameaça nuclear que pode vir do Irão. A Arábia Saudita, por exemplo, advertiu o general James Jones, então conselheiro de Segurança Nacional americana, que se o Irão conseguisse fazer uma bomba atómica também a Arábia Saudita a faria (vide El Pais, 5/XII/2010).

Por outro lado, há documentos secretos, agora divulgados, que provam, por exemplo, que o Departamento de Estado espiou os cartões de crédito do Secretário-Geral das Nações Unidas. Que há diplomatas americanos que informam que a Rússia está afectada por uma corrupção de grande escala e que a última palavra cabe sempre a Putin. Que o ex-Presidente Clinton investigou a "saúde mental" da Presidente Cristina Kirchner da Argentina. Que a corrupção, segundo o Consulado americano em Casablanca (Marrocos), atinge altas esferas do poder e assessores próximos de Mohamed VI. Que a China está em vias de abandonar o regime "estalinista" de Kim Jong-Il e pretende uma Coreia unificada. Que o exército mexicano, dividido, é incapaz de acabar com o narcotráfico; etc., etc.... Sem esquecer Sarkozy e a Alemanha da Chanceler Merkel, também, referidos.

Tudo isto e muito mais, que requer uma análise ponderada, inundou a imprensa internacional dos últimos dias e, seguramente, vai continuar. Contudo, há nomes respeitáveis, como Moisés Nain, no "El Pais", que têm uma visão menos desfavorável aos Estados Unidos, apesar de terem ficado debilitados, porque - escreve - "um Estado que gasta de 50.000 milhões de dólares, cada ano, na sua "inteligência" é uma vergonha que lhe tenham roubado tantos documentos secretos"...

Esta apaixonante telenovela de espionagem, num Mundo global em crise, não deixará de continuar nas próximas semanas, certamente com revelações cada vez mais interessantes. Mas os mais atingidos não são, parece, os Estados Unidos mas os países referidos e outros também visados. Veremos...

O desastre de Camarate

No dia 4 de Dezembro o desastre de Camarate foi lembrado, com destaque natural para as figuras ilustres de Francisco Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa. Conheci-os bastante bem e honro-me de ter sido amigo e admirador de ambos, apesar de sermos adversários políticos. Mas isso nunca contou nas minhas amizades.

As homenagens que lhes foram feitas, este ano, sempre merecidas, revestiram-se, no entanto, de um cunho político actual, que me parece só diminui os que as fizeram. Um documentário, que passou na SIC, baseado na ideia "do que seria hoje Portugal se não tivessem morrido, feito, conjuntamente, pelos Institutos Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa. Pareceu-me, aliás, um pouco inconveniente. Porquê? Porque a futurologista é sempre um tanto suspeita - embora possa ser apaixonante - mas a futurologia sobre o passado, que como tal é conhecido e é outro, parece-me não ter qualquer sentido...

Foi isto que eu disse aos que me entrevistaram para o referido documentário, mas que não foi reproduzido. Certamente, pelos seus autores, terem sido obrigados, por falta de tempo, a cortar partes das entrevistas que recolheram.

Muitos dos intervenientes na homenagem aos dois líderes classificaram o desastre de Camarate como um assassinato. Não sei se é possível dizer isso. Infelizmente, a Relação encerrou o caso, ao que julgo, por falta de provas. Por isso nunca, até hoje, me pronunciei, embora julgue - por alguns livros que li, entre os quais o do caricaturista Augusto Cid, meu Amigo, que tanto se bateu para encontrar provas em contrário - que o processo foi, incompreensivelmente, mal feito e com sérias lacunas.

Nesse sentido, estou de acordo com a proposta do Professor Freitas do Amaral, para que o processo seja reaberto - se as Famílias assim o entenderem - e se for possível que se investigue de novo, com total objectividade, agora que as paixões se não estão extintas, começam a desvanecer-se. É algo que devemos, àqueles que - em plena juventude - faleceram naquela noite trágica. Essa será uma homenagem séria, a que as vítimas e os seus familiares e amigos, têm direito.

Um patriota exemplar

Faleceu depois de demorada doença o Professor Ernâni Lopes. Economista distinto, com um raro sentido da Pátria, depois do 25 de Abril, foi embaixador (político) de Portugal na Alemanha, onde prestou relevantes serviços, e mais tarde - num momento de crise muito difícil - foi ministro das Finanças, no Governo chamado do "Bloco Central", a que me honro de ter presidido, em parceria com o Professor Mota Pinto, então líder do PSD. Foi o Governo que preparou, sobretudo no plano económico e financeiro, a adesão de Portugal à então CEE, que transformou, para incomparavelmente melhor, a vida de todos os portugueses. Ernâni Lopes teve um papel fundamental nesse período, tendo sido um dos signatários, a justo título, do Tratado de Adesão.

Conheci Ernâni Lopes quando foi embaixador na Alemanha e eu era então ministro dos Negócios Estrangeiros dos primeiros Governos Provisórios. Tive ocasião de apreciar o trabalho que então realizou. Foi bastante depois disso que o convidei - em Paris - para fazer parte do Governo, como ministro das Finanças, depois de ter feito diversas sondagens que falharam. A situação era quase desesperada. Ernâni Lopes, que conhecia bem o que o esperava, não pestanejou. Tinha um sentido excepcional do serviço público e um patriotismo sem mácula. Foi o que sempre mais nele admirei.

Como ele reconheceu, várias vezes, em público, sempre o apoiei no seu difícil trabalho, sobretudo quando outros ministros o criticavam, em razão dos cortes que o FMI nos obrigou a fazer. A história às vezes repete-se...

Ficámos muito amigos desde então. Ernâni Lopes preparou Portugal para o choque da entrada na CEE e quando o Governo foi substituído entregou ao novo primeiro-ministro, Cavaco Silva, um país equilibrado.

Portugal deve muito a Ernâni Lopes. Perdeu uma das suas grandes personalidades. De todos os pontos de vista: ético, económico e político.

Lisboa, 7 de Dezembro de 2010